

Ralph Orlowski/Reuters

**EUROPA****BCs europeu e britânico mantêm juros**

O Banco Central Europeu (BCE) e o Banco da Inglaterra, o banco central britânico, mantiveram ontem suas políticas monetárias inalteradas, com taxas de juros na mínima recorde vigente deste o ano passado, de 0,25% e 0,5%, respectivamente. Segundo o presidente do BCE, Mario Draghi, o banco está determinado a usar todas as ferramentas necessárias para impedir queda da inflação.

Ibovespa cai 2,5%, menor nível em cinco meses

Rebaixamento da nota de crédito do Brasil volta a trazer risco a investidores da bolsa

Priscilla Arroyoparroyo@brasileconomico.com.br
São Paulo

O tom de pessimismo tomou conta dos negócios na bolsa ontem. O caiu 2,48%, nível mais baixo em cinco meses. O temor por uma fuga ainda maior de capitais do país diante da ameaça pelo corte na nota de classificação de risco do Brasil, aliado à expectativa por um aperto na política monetária dos Estados Unidos reforçou a cautela entre os investidores.

O compromisso fiscal do governo foi colocado mais uma vez em xeque, com a repercussão nada positiva no mercado do valor recorde, de R\$ 218,4 bilhões, que os restos a pagar atingiram na passagem de 2013 para 2014. A cifra se refere às despesas registradas no orçamento, mas que não foram pagas até o final do ano passado. Ou seja, o governo teve uma "ajuda extra" para atingir a meta de superávit de 2013.

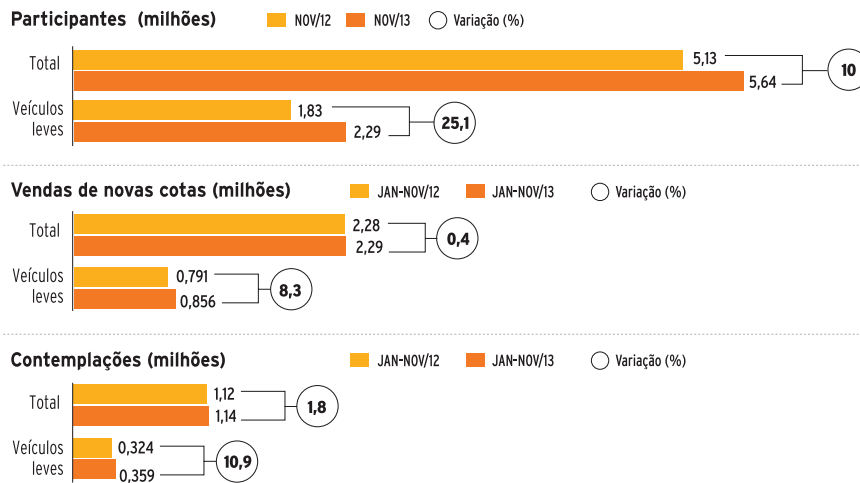
"A notícia dos restos a pagar repercutiu muito mal nas mesas de operação. Além disso, os grandes bancos divulgaram uma bateria de relatórios com uma visão nada positiva do mercado brasileiro", disse o operador da Quantitas Asset Management Thiago Montenegro.

Diante do cenário, o Ibovespa despencou para 49.321 pontos. A perda do patamar psicológico e técnico dos 50 mil pontos acentua a tendência negativa. "Isso deflagra a continuação da tendência de baixa e aumenta a inclinação de venda para o curto e médio prazo", avaliou o analista da Clear Raphael Figueiredo, para quem o índice deve cair até os 48.900 pontos.

Entre as blue chips, o papel da Vale recuou 3,7% enquanto os da Petrobras perderam 3,03%. Apenas cinco ações, das 72 que compõem o índice, fecharam no azul. À frente dos ganhos, figuraram mais uma vez os papéis da ALL, com avanço de 8,8%. A disparada reflete a expectativa de uma possível fusão da companhia com a Rumo Logística, subsidiária da Cosan. Na contramão, as ações da Energias Brasil caíram 6,15%.

VEÍCULOS LEVES PUXAM ALTA

Números de participantes e vendas de cotas de consórcios de janeiro a novembro de 2013



Fonte: Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (ABAC)

Carros mais caros devem incentivar setor de consórcio

Abac crê que IPI mais alto, ABS e airbags obrigatórios façam sistema crescer. Em novembro, cotistas de veículos saltam 25%

O aumento do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para carros e as novas exigências de segurança aumentam a atratividade do consórcio. Essa é a entendimento de **Paulo Roberto Rossi, presidente executivo da Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (Abac)**, que ontem divulgou os dados da indústria no último mês de novembro. O segmento de veículos, mais uma vez, foi o destaque, com crescimento de 25,1% no número de participantes, na comparação ano a ano.

"Em 2014, o preço do carro vai subir junto com o IPI e com a obrigatoriedade do freio ABS e de airbag. Isso vai levar o consumidor a se reprogramar. Aquele consumidor que decidir adiar a aquisição tem no consórcio um modelo que se encaixa bem na situação dele", acredita Rossi. O executivo destaca que o custo menor e o prazo maior do consórcio em relação ao financiamento tradicional serão mais procurados como opção para os consumidores de veículos no novo cenário. "A poupança com propósito específico deve ganhar

ainda mais força em 2014", prevê.

Como o valor das cartas de créditos sorteadas pelos consórcios acompanham a tabela de preços das montadoras, o valor das cotas também será reajustado. "É um movimento natural, explicado em contrato. Quando o IPI caiu, aconteceu o contrário".

Em novembro do ano passado, o número de participantes em todo o sistema cresceu 10%, totalizando 5,64 milhões. Desse total, 2,29 milhões poupavam para ter um carro. O aumento de 25,1%

Associação prevê que o aumento do preço dos veículos pode impulsionar os consórcios, que oferecem preços menores a quem não precisa do ativo imediatamente

em relação ao ano anterior foi o maior da indústria. As contemplações de consorciados com cartas de crédito para compra de veículo leves subiram 10,9% em 12 meses, atingindo 359 mil participantes.

Rossi destaca que, mesmo em um ambiente de estabilidade no valor dos veículos leves – entre novembro de 2012 e o mesmo mês do ano passado –, o ticket médio do segmento subiu 4,1% no período, quando atingiu R\$ 43,6 mil. "É mais um indicativo da pujança do modelo de consórcios, cada vez melhor entendido pelo consumidor. Como se programam para comprar um carro, e por isso pagam mais barato por ele, querem um bem com patamar superior", diz Rossi.

No segmento de imóveis, o ticket médio subiu 7,9%, para R\$ 113,3 mil. Por outro lado, a venda de novas cotas recuou 1,1% e o de contemplações caiu 4,6%. "Há várias leituras possíveis. Creio que falta clareza ao ambiente econômico, o que pode ter reduzido o número de lances para a retirada das cartas de crédito", supõe.

Yellen prevê crescimento de 3% do PIB dos EUA

Recuperação seria fruto do programa do Fed, que valoriza ativos, gera renda para gastos

Liana Verdini

liana.verdini@brasileconomico.com.br

Janet Yellen, que tomará posse como presidente do Federal Reserve (Fed) no próximo mês, está "esperançosa" de que o crescimento econômico dos EUA vai acelerar em 2014 para 3% e defende o programa de estímulo do banco com a compra de títulos no mercado, de acordo com entrevista à revista Time divulgada ontem, que a trouxe na capa da publicação. "Eu acho que nós vamos ver um crescimento mais forte este ano", disse Yellen, que sucederá Ben Bernanke.

O principal desafio dela é gerenciar o encerramento do programa de estímulo do Fed, que estabelece a compra mensal de US\$ 85 bilhões de títulos do Tesouro e lastreados em hipotecas, numa tentativa de manter as taxas de juros baixas e de estimular os gastos e as contratações. No mês passado, o Fed decidiu começar a reduzir essas compras para US\$ 75 bilhões este mês.

A redução da presença do Fed como o maior comprador de títulos do Tesouro ameaça provocar um aumento nas taxas de juros, o que pode frear o crescimento. De fato, os rendimentos das notas do Tesouro de 10 anos já subiram para perto de 3%, ante 2,85% em 18 de dezembro, antes da decisão do Fed. Na entrevista, Yellen defendeu o programa contra as críticas de que estaria beneficiando principalmente os ricos por causa do impulso aos preços dos ativos de maior risco, como as ações. Ao tornar as Treasuries mais escassas, o programa força o aumento da demanda por outros ativos, elevando seus preços.

"Um monte de gente diz que isso está apenas ajudando as pessoas ricas. Mas não é verdade. Nossa política visa a manter as taxas de juros de longo prazo baixas, o que sustenta a recuperação pelo incentivo aos gastos", disse. "É parte disso (da recuperação) vem através de um maior preço das casas e das ações, o que faz com que as pessoas gastem mais, fazendo com que empregos sejam criados e a renda suba". **Reuters**